Título:	**TÍTULO EM LETRAS MAIÚSCULAS**		
Autores:	Cíntia Eloísi da Silva Edison Botelho da Silva Júnior		
Área	[ ] Humanas [X] Sociais Aplicadas [ ] Biológicas e da Saúde [ ] Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	[X] Ensino [ ] Pesquisa [ ] Extensão [ ] Inovação

Resumo:

O presente trabalho tem o fito de analisar a evolução histórica da soberania e das formas de exercício do poder, partindo das concepções clássicas de formação do Estado moderno e alcançando as discussões contemporâneas sobre biopoder e necropolítica. O estudo parte da compreensão de que o poder soberano, inicialmente associado à centralização estatal, ao absolutismo e ao monopólio legítimo da força, passou por transformações que modificaram seus mecanismos de atuação sobre a sociedade e sobre a vida humana. Nesse percurso, objetiva-se compreender de que maneira as mudanças nas formas de exercício do poder contribuíram para a produção de estruturas de exclusão, vulnerabilidade e violência institucionalizada, bem como refletir sobre seus impactos nos direitos fundamentais, na democracia e na dignidade da pessoa humana. Para tanto, o trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa e método dedutivo, a partir da análise de obras filosóficas, jurídicas e sociológicas relacionadas à soberania, ao poder, à violência, ao biopoder e à necropolítica, com destaque para as contribuições de Jean Bodin, Thomas Hobbes, Carl Schmitt, Walter Benjamin, Michel Foucault e Achille Mbembe. Inicialmente, verificou-se que a consolidação da soberania moderna esteve vinculada à centralização do poder político e à capacidade estatal de impor decisões e utilizar legitimamente a força, sendo posteriormente problematizados os limites dessa autoridade diante da violência e do estado de exceção. Em seguida, a análise do pensamento foucaultiano permitiu compreender o deslocamento de uma forma de poder predominantemente fundada no direito de "fazer morrer" para mecanismos disciplinares e regulatórios voltados à administração da vida, ao controle dos corpos e à gestão das populações. A partir dessa perspectiva, constatou-se que o poder não se encontra restrito à figura do Estado ou do soberano, mas se exerce por meio de relações, instituições, práticas, discursos e dispositivos de vigilância e normalização. Por fim, o estudo da necropolítica demonstrou que a ampliação das estratégias de gestão da vida não eliminou a produção da morte e da vulnerabilidade. Em Mbembe, a soberania contemporânea pode manifestar-se pela capacidade de estabelecer quais vidas recebem proteção e quais são expostas ao abandono, à precariedade, à violência e à morte. A análise de situações relacionadas à marginalização social, às políticas públicas seletivas, aos conflitos armados, às crises humanitárias e à gestão de populações vulnerabilizadas evidenciou que a vulnerabilidade não deve ser compreendida apenas como condição natural ou acidental, mas também como resultado de estruturas políticas, econômicas e institucionais que distribuem proteção e abandono de maneira desigual. Foi possível concluir que as transformações históricas do

poder não representam uma simples substituição da soberania clássica por novas formas de controle, mas a coexistência e o entrelaçamento de diferentes mecanismos de dominação, capazes de administrar a vida e, simultaneamente, produzir condições de exposição à morte e à exclusão. Nesse sentido, compreender as relações entre soberania, biopoder e necropolítica possibilita uma leitura crítica das formas contemporâneas de exercício do poder e contribui para o questionamento de práticas que naturalizam desigualdades, fragilizam direitos fundamentais e tornam seletiva a proteção da vida humana.

Link do Vídeo:
https://drive.google.com/file/d/1rw95_YV_UanfhlXDvKzYla9vDbh8MNfJ/view?usp=sharing